

Justiça Ambiental e Ambiente Justo

com Luísa Schmidt



7 de março

Laudato Si. Uma encíclica surpresa para a humanidade e para o planeta

14 de março

Da boa ciência à boa justiça. Problemas de 'bradar aos céus' e os caminhos para as soluções

21 de março

Portugal: mudanças, ruturas e transições

28 de março

Da razão e da ação: um futuro para a cidadania ambiental

Em 2014, Naomi Klein publicou um livro sobre a transformação radical que as alterações climáticas trouxeram à ordem mundial e as relutâncias em pensar o mundo e as sociedades a partir das questões ambientais globais. A obra chama-se *Isto Muda Tudo*. Em 2015, surge a encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco. Esta veio de facto mudar tudo. Foi generalizadamente uma surpresa que chegou mesmo a gerar reação de alguns meios católicos menos 'avisados'. A obra é notável de limpidez, profundidade e coragem. De limpidez, porque não faz concessões às exigências científicas dos assuntos dos dias de hoje.

De profundidade, porque aborda um conjunto complexo de problemas de forma modelar. De coragem, porque situa no centro desse conjunto problemático o tema da justiça.

E em Portugal? Como estamos ambiental e eticamente perante estas questões? Numa época em que em todas as escalas o problema ambiental se faz sentir na nossa vida comum e no seu futuro próximo, Portugal tem algumas tarefas consensuais e urgentes à sua frente. Para isso terá de começar pelo princípio; pelos Princípios e, com eles, saber activar o conhecimento, a comunicação e a participação pública para as mudanças que se avizinham.

Este ciclo de conferências percorre quatro tópicos sobre questões ambientais contemporâneas, que vão do global ao local e do científico ao ético, sob a inspiração da encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco.

Da razão e da ação: um futuro para a cidadania ambiental

São muitas as dimensões da crise ambiental que neste momento têm um estatuto largamente consensual: da acidificação dos oceanos aos eventos extremos climáticos, da desertificação à subida do nível médio do mar, da diminuição da biodiversidade à fusão das calotes polares e dos glaciares... A evidência científica deixa muito pouca margem para duvidar da escala destas alterações. Elas afetam o planeta no seu todo, mas não afetam igualmente as populações humanas em toda a parte do mundo. Pior. Nos lugares onde se dão muitos dos impactos mais gravosos, apinham-se populações humanas em condições de extrema vulnerabilidade provocadas pela pobreza persistente. As alterações climáticas não afetam igualmente todas as pessoas no mundo e a condição diferencial de vulnerabilidade reflete o nó central do problema que o Papa Francisco limpidamente denunciou:

a injustiça. Como ele escreve: "Não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa sócio ambiental" (*Laudato Si*, p. 139).

A conjugação de uma dimensão com a outra gera um ciclo autobloqueado que coloca a Humanidade perante uma perspectiva alarmante. Não haverá, pois, solução para a crise ambiental sem se assumir a condição da injustiça social em que ela foi gerada e que torna as suas consequências ainda mais desiguais no mundo. Ou seja, qualquer solução terá que ser simultaneamente ambiental e social e que envolver o todo da Humanidade. Por uma vez seria uma globalização bem virtuosa! Mas isso requer um trabalho imenso de natureza educativa e cultural – uma "educação para a cidadania ambiental" nas palavras do Papa – coisa que, aliás, vem sendo avançada por várias organizações internacionais, com destaque para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável liderados pela ONU.

Sem esse processo de renovo educativo e cultural não é possível ativar a mobilização e a participação de todos para dar resposta ao desafio da crise ambiental global. Uma educação que permita à Humanidade redescobrir um sentido para a decisão e para si mesma.

É a Humanidade do Homem – e não só o conjunto das populações humanas – que, em última instância, está em causa. Ninguém melhor do que o Papa Francisco o formulou nas palavras simples da carta que nos escreveu.

Luísa Schmidt, Investigadora Principal no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Textos de Luísa Schmidt

CONFERÊNCIAS TERÇAS-FEIRAS DE 7 A 28 DE MARÇO 2017 · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO